

Será que vai chover? Saber popular e meteorologia televisiva no Cerro do Canhadão, Irati/PR, 1960-1980¹

Mário Kanarski²
Hélio Sochodolak³

Será que vai chover? Saber popular e meteorologia televisiva no Cerro do Canhadão, Irati/PR, 1960-1980

Resumo: No estudo, objetiva-se analisar os saberes referentes à previsão de chuva na comunidade do Cerro do Canhadão em Irati-PR. A partir de 1970, percebe-se, historicamente, o confronto desse saber com a meteorologia científica, quando a comunidade teve acesso à televisão e aos programas de previsão do tempo.

Palavras-chave: Saber popular. Televisão. Meteorologia, Irati.

Will it rain? Learn popular and television meteorology at Cerro do Canhadão, Irati 1960-1980

Abstract: This study aims to analyze the knowledge regarding the forecast of rain in the community Cerro do Canhadão in Irati-PR. From 1970 it can be seen, historically, the confrontation of this knowledge with the scientific meteorology when the community had access to TV and weather forecasting programs.

Keywords: Popular knowledge. Television. Meteorology. Irati.

¿Lloverá? Saber popular e la meteorologica televisiva en el Cerro do Canhadão, Irati 1960-1980

Resumen: Este estudio tiene como objetivo analizar el conocimiento con respecto a la previsión de lluvias en la comunidad Cerro do Canhadão en Irati-PR. A partir de 1970 se observa que, históricamente, la confrontación de este conocimiento con la meteorología científica en que la comunidad tenía acceso a los programas de predicción del clima y televisión.

Palabras clave: Saber popular. Televisión. Meteorología. Irati.

Em busca de sinais

A história, como ciência, procura cercar-se de cuidados que lhe garantam um maior grau de credibilidade. Para tanto, precisa de bases sólidas que a sustentem como tal. Essas bases se apoiam no método e na teoria. É possível preencher algumas folhas de nomes de autores que já esboçaram pensamentos e deram suas contribuições para a “história da história” que é, na verdade, o pensar da teoria, do método, para se conceituar a história como ciência. Segundo Ginzburg (1989, p. 143), o saber

¹ Uma versão alterada deste texto foi publicada inicialmente em Revista Eletrônica Lato Sensu - Ano 3, nº1, março de 2008. ISSN 1980-6116 - <http://www.unicentro.br> - Ciências Humanas

² SEED- PR.

³ Programa de Pós-graduação em História - UNICENTRO

adquirido de vestígios ou, como ele mesmo diz, “a partir de dados aparentemente negligenciáveis” ou “indícios mínimos”, é um saber do tipo “venatório” ou “divinatório.”

Em *Mitos Emblemas e Sinais*, utilizou três “personagens” para explicar o “paradigma indiciário”: Giovanni Morelli, Arthur Conan Doyle e o médico Sigmund Freud. Giovanni Morelli desenvolveu um método que analisava obras de arte e procurava distinguir as falsas das verdadeiras, ou obras não assinadas. Para isto, ele dizia: “(...) é necessário examinar os pormenores mais negligenciáveis e menos influenciados pelas características da escola que o pintor pertencia: os lóbulos das orelhas, as unhas, as formas dos dedos da mão e dos pés”. (p. 144)

Na mesma direção, estão Arthur Conan Doyle e seu personagem Sherlock Holmes que descobrem o autor do crime pelas pistas, pegadas, cinzas de cigarros etc. E um terceiro método, o de Freud, médico que analisava resíduos, sintomas ou dados marginais, nos relatos dos pacientes, criando, assim, a Psicanálise. A abordagem desses métodos: o de Morelli, que analisa detalhes, o de Sherlock Holmes, que analisa as pistas, e o método de Freud, que analisa sintomas ou resíduos, são trazidos ao corpo deste texto num duplo sentido. O do historiador que investiga o seu objeto através de sinais de pistas e vestígios e o do “objeto” que realiza o mesmo processo, ou seja, o método que as pessoas da comunidade do Cerro do Canhadão praticam ao fazer a previsão de chuva, através dos indícios, voltando-se para o futuro, elaborando um saber do tipo divinatório.

A tv e a comunidade

Cerro do Canhadão está geograficamente localizado no município de Irati, entre o distrito de Gonçalves Júnior e o distrito de Itapará, em Irati-PR. A comunidade obteve grande influência estrangeira, resultado da imigração no Paraná. É formada por pequenos agricultores, realizando um trabalho quase todo de subsistência com pouca produção comercial. A base agrícola, somada ao afastamento da cidade devido à localização, fez a comunidade do Cerro do Canhadão definir sua identidade nas experiências das sucessivas gerações, nas técnicas agrícolas, na atividade religiosa e nos saberes populares. Assim, o constante contato com a terra e com a natureza fez com que os moradores do Cerro do Canhadão se orientassem no seu espaço físico, observando e interpretando as variações climáticas e os fenômenos naturais como a precipitação da chuva, analisada através de vestígios, um saber informal e popular. Este constante olhar para o clima acaba influenciando o comportamento social e cultural das pessoas, assim como por diversos outros fatores como, por exemplo, a mensagem religiosa ou os programas de TV.

Na década de 1970, as pessoas da comunidade do Cerro do Canhadão tiveram maior contato com a TV. Foi um período de grande desenvolvimento, as cidades e os grandes centros urbanos apareceram com toda sua organização burocrática, o sistema capitalista aflorava como responsável por mudanças e um grande otimismo. Para Novais (1997, p. 450): “(...) entre 1950 e 1979, a sensação dos brasileiros, ou de grande parte dos brasileiros, era a de que faltava dar uns poucos passos para

finalmente nos tornarmos uma nação moderna”. A comunidade do Cerro do Canhadão também sentia essas mudanças que surgiam com os avanços tecnológicos, em especial com o uso da TV.

Sobre o avanço da TV, nas práticas sociais, avalia Pierre Bourdieu (1997. P. 9): “(...) ela expõe a um perigo não menor a vida política e a democracia” Ao estudarmos o uso da TV e os saberes populares da comunidade do Cerro do Canhadão, estamos dando atenção a uma história das pessoas comuns e temos oportunidade de conhecer os diferentes modelos de comportamentos e valores que, para Michel de Certeau, definem-se como cultura “comum” das pessoas comuns, isto é, uma cultura que se fabrica no cotidiano, nas atividades ao mesmo tempo banais e renovadas a cada dia”. (1999, p. 150)

Não queremos discutir todos os fatores que fazem da comunidade o que ela é culturalmente, na realidade, queremos analisar o grau de influência do saber popular referente à chuva e o grau de influência da TV, quando esta traz para a comunidade, na década de setenta, a previsão do tempo de forma científica, com o meteorologista.

Meteorologia e adivinhos

Os saberes populares, como prever chuva a partir de determinadas características do vento ou do clima, ou então pelo canto de um determinado pássaro, ou outros, como qual a Lua correta para se cortar madeira, como curar determinadas doenças, por que determinadas áreas são próprias para plantação de determinados produtos ou, então, qual o melhor lugar para se cavar uma cisterna, o melhor dia para pescar, o melhor dia para se fazer uma queimada, ou então qual a melhor semente, o que deve ser feito para combater determinadas pragas, como ervas daninhas, pestes em plantas e animais, piolhos e formigas.

São inúmeros os saberes populares que cercam a vida da comunidade do Cerro do Canhadão, e as pessoas os praticam, na maioria das vezes, sem consciência de que esse conhecimento que possuem é pelo ato de rememorar, é por experiências e aprendizados do passado. Seguindo nessa inspiração, em Ginzburg, poderíamos dizer que estes saberes seriam indiciários, ora venatório, quando se referem ao passado, ora divinatório, a maioria deles, quando apontam para o futuro.

Entre estes saberes de tradição popular está a previsão de chuva feita pelo agricultor, utilizando a profecia de São João. Segundo o senhor José Kanarski, a profecia de São João é praticada da seguinte maneira: é possível realizar uma previsão climática para seis meses do ano, começando a prever no mês de julho, indo até dezembro. São João, um dos Santos Católicos, tem seu dia comemorado em 24 de junho. Para a tradição, este é o dia chave para a previsão da profecia, tudo o que acontecer nesse dia irá acontecer no mês de julho. Da mesma forma, o que ocorrer nos dias seguintes até o dia 29, tal como as variações de temperatura, variações de vento, servirá para justificar o que irá acontecer nos meses seguintes.

Sendo assim, alguns desses agricultores fazem suas anotações. A partir desses dados, eles se orientam nos dias e meses mais indicados, segundo a previsão da profecia de São João, para fazerem suas plantações. Vejamos as anotações da previsão feitas pelo agricultor, senhor José Kanarski (2007), referindo-se aos seis meses do ano de 2007, segundo a profecia de São João.

Julho - chuva no meio do mês, depois frio, vento do mar e neblina.

Agosto - frio brusco, pouco sol, chuva no meio do mês.

Setembro - bom no começo, pode até ter geada porque apareceu muito vento do sul, vento do norte, chuva esparsa e calor.

Outubro - chuva no começo, vento do norte e chuva no fim do mês.

Novembro - Nublado no começo, pouca chuva, sol, calor, no fim vai ser um mês seco.

Dezembro - Nublado, sol no meio do mês, pouca chuva e calor.

Ao trabalharmos o passado e o saber popular, estamos também nos referindo à cultura e aos costumes. É importante definirmos o significado das palavras, cultura e costumes. Segundo Thompson (1998, p. 14), a cultura ou costumes se assemelham, vejamos o que ele escreve: “Nos séculos precedentes o termo costume foi empregado para denotar boa parte do que hoje está implicado a palavra cultura”. O saber popular é o conhecimento passado de gerações, é o saber que a memória não deixou esquecer, memória é a: “(...) permanência do que não morreu, daquilo que nos liga aos mortos na medida em que sobrevive no presente” (GUARINELLO, 1994, p. 197) .

Este aprendizado “espontâneo”, sem formalidades, de saberes e experiências de vida, orienta as pessoas no seu contexto social e cultural e influencia o presente. Nessa relação, passado-presente, encontra-se a importância da memória, é ela que não deixa que determinados acontecimentos ou conhecimentos sejam esquecidos e deixem de ter importância para o grupo ou à comunidade. A memória permite manter ou romper comportamentos e saberes, responsáveis pela permanência da identidade. Ao citarmos a importância da memória, trazemos à tona a questão da descendência que ajuda o conhecimento popular a não ser esquecido, pois o conhecimento é passado às novas gerações, oralmente por pais ou avós. Assim, a memória liga-se profundamente à comunidade, ao sentido da tradição.

Ao entrevistarmos as pessoas, na faixa etária de 50 anos, habitantes do Cerro do Canhadão, e ao perguntarmos sobre como e com quem aprenderam a fazer previsões de chuva, percebemos que 95% delas afirmam ter aprendido de forma oral e com os pais e avós. O restante afirma ter outras fontes, mas a maioria se remete à própria tradição.

Nesse ato constante de rememorar, o saber popular mantém-se no cotidiano da comunidade do Cerro do Canhadão, marca as ações sociais, as experiências e permanências individuais e coletivas. Não queremos afirmar que a memória seja uma simples repetição do passado e que o saber popular é trazido para o presente como era no passado. Norberto Luiz Guarinello alerta: “A memória não é

portanto um espaço harmônico e uniforme, nem se constitui, sobretudo hoje num campo homogêneo, onde reine absoluta uma memória hegemônica”. (1994, p, 189)

Observamos que, após o contato com a TV, as pessoas passam a reinterpretar certos comportamentos culturais e sociais, provando que apesar da importância da memória e das experiências do “passado genético”, o presente é influenciado por fatores externos, nesse caso a TV. Ao perguntarmos às pessoas da comunidade do Cerro do Canhadão sobre a preferência de seus filhos mais jovens, em média com 25 anos, em relação à previsão do tempo atualmente, percebemos que um número significativo deles, cerca de 25%, preferem confiar nas previsões difundidas pela TV. Percebemos, então, que, mesmo em contato com o saber tradicional, os jovens são atraídos pelo discurso televisivo, moderno e científico.

Além da interferência no saber popular referente à previsão de chuva, veja alguns outros exemplos de comportamentos ou costumes das pessoas da comunidade do Cerro do Canhadão que tiveram influência pelo contato com a TV.

Tomemos a estudo o significado natalino da comunidade do Cerro do Canhadão. A grande festa, para os católicos da comunidade, possuía intenso valor simbólico e cultural. As novenas antecedendo o nascimento de Jesus, os cantos, a expectativa das crianças pela chegada do papai Noel, que todos conheciam como “velho do saco”, a visita de inúmeros parentes garantia um ar mais simbólico, religioso e cultural e não tão comercial e artificial, como depois da TV, e a invasão do incentivo de simplesmente presentear, para assim então consumir.

Toda aquela imaginação e fantasia criada pelo contado com o rádio também foi sendo substituída pelo caráter de cientificidade da imagem, a música deixa de ser interpretada e as pessoas imaginam o cantor, agora era possível conhecê-lo, diz a senhora Elísia Fracaro, em entrevista (2007). : “Nós agora víamos os deputados, até o presidente, então nós dizíamos: ah, então esse aí que é o presidente”.

Outro fator interessante e que merece destaque é a questão do êxodo rural. A TV passou a mostrar as grandes cidades, criando expectativas de emprego e elevação social. Aqui se soma o enfraquecimento da agricultura e da pequena propriedade, em razão desenvolvimento da máquina no campo.

Na década de 1960, que antecede a chegada da TV no Cerro do Canhadão, a comunidade não possuía Igreja, tendo que se deslocar até a comunidade vizinha de Rio do Couro, para festas, batizados, enfim, todas as obrigações e normas clericais. Para as pessoas, não importava a distância ou as dificuldades, elas viam, na Igreja e na sua instituição, um poder que deveria ser respeitado. O senhor José Kanarski relatou, em entrevista, que a Igreja do Rio do Couro possuía, em frente ao altar, um degrau e uma “cerquinha” que separava o padre do restante dos fiéis. Entretanto, as pessoas não se questionavam ou viam nisso qualquer anormalidade.

Essa obediência ou aceitação dos fiéis para com o poder da Igreja sofreria modificações, a partir do momento em que a mentalidade foi mudando com o surgimento da TV. A TV apresenta ao público informações de interpretações religiosas diferentes, confrontando com o dogmatismo fechado, as ideias científicas da criação do homem, o avanço da ciência no “confronto” com a religião se tornou mais visível.

Em geral, as crianças, ao entrarem em contato com a TV, substituíam muitas das brincadeiras. O tempo destinado às fabricações de seus próprios brinquedos era substituído por horas em frente à tela e às programações infantis. A criança não conseguia nenhum levante crítico, nada além da mensagem passada que parece, sem sombra de dúvidas, a “verdade”. Os produtores e as produções utilizavam a mensagem para inculcar na memória conceitos para legitimar uma educação com os moldes desejados pelos legitimadores de cultura e de consumo, “(...) tornou-se a grande” auxiliar “na educação dos filhos”. (NOVAIS, 1997, p, 452)

A TV, bem como a energia elétrica, não interferiram somente no hábito de se orientar no espaço físico, falando aqui da previsão de chuva, mas também interferiram no hábito de dormir e de comer, por exemplo. Ficando acordadas para assistir TV, as pessoas passaram a comer mais. Os homens trabalham organizando o horário para assistir o jogo. As mulheres não tiram leite depois das seis para assistir a novela. Os jornais passam a ser acompanhados e então as conversas dos fins de tarde mudam, ou seja, assuntos até então que passavam despercebidos como política, violência nos meios urbanos, propaganda de emprego, a previsão de chuva, constroem um novo modelo de pensar e agir.

Por exemplo, as visitas de compadres e comadres diminuíram em razão da novela, ou do entretenimento das programações. Quando ainda se tinha o lampião como fonte de luz, as pessoas costumavam jantar ao cair da tarde, procurando adiar ao máximo o acendimento do lampião. Após a TV e a energia elétrica, os jogos de futebol, filmes, novelas, começam a tomar parte das noites.

Outro aspecto significativo da influência da TV é com relação às mulheres e à diminuição no número de filhos. As jovens ganharam maior liberdade, os pais permitem que suas filhas mudem para a cidade em busca de melhores condições de emprego ou de formação.

A concepção de casamento, em 1970, era de que a mulher se casasse virgem e, principalmente, na Igreja. Essa concepção começa a mudar quando muitas mulheres mudam para a cidade, onde entram em contato com um discurso “menos conservador”, somando a isso a influência da TV e o ar de liberdade e independência que algumas novelas enfatizavam.

As novelas caracterizam tema, estudado por Fernando Novais, que relata:“(...) a partir dos anos setenta as novelas enfatizam o uso da linguagem coloquial e cenários urbanos e contemporâneos”. (1997, p, 467) Segundo Novais, na década de setenta, as novelas brasileiras mostravam, além do beijo: quarto, cama, orgasmo, sexo antes do casamento, separação, independência financeira para a mulher.

Há uma certa diminuição de interesse para com os saberes populares, porque o jovem passou a

ser atraído para os centros urbanos, abandonando a prática agrícola. É importante ter consciência de que não são todos os jovens que vão para a cidade, mas um número significativo.

Nas técnicas agrícolas, a TV passou a ter papel fundamental. Ela mostrava através de comerciais, por exemplo, as máquinas, as descobertas e os trabalhos científicos, a previsão do tempo, o controle das ervas daninhas com as fórmulas químicas. Essas técnicas vão influenciar nas organizações de trabalho da comunidade do Cerro do Canhadão, quando acabam com os mutirões, ou com o uso do cambau⁴ que dá espaço à máquina trilhadeira.

O discurso cientificista atinge a memória e muitos costumes e saberes populares são substituídos ou então influenciados como, por exemplo, o saber popular referente à chuva que perde um pouco a importância.

Antes da TV, ou da década das tecnologias, tínhamos o saber popular referente à chuva feito na comunidade através dos indícios, dos vestígios, um conhecimento que se caracterizava do tipo divinatório. A pergunta é: Os agricultores desta comunidade continuam a interpretar a possibilidade da chuva pelos indícios? A partir da influência da televisão e deste período mais “científico”, como definir o saber referente à chuva?

Permanências

Em nossa pesquisa, percebemos que as pessoas, ao entrarem em contacto com a TV e o discurso científico da previsão do tempo, não deixaram de praticar o saber popular, mas passaram a ter contacto com as duas formas de análise do tempo. O agricultor tem a necessidade de “olhar para o céu” e analisar o clima para cuidar de suas lavouras, por esse motivo, os indícios e o saber popular são necessários no dia a dia. A cultura do feijão, por exemplo, desde a plantação até sua colheita, exige cuidados. A ocorrência de chuvas constantes na colheita acarretará para o agricultor prejuízo, já que os grãos, por motivo da umidade, acabam soltando brotos, sendo impróprios para o consumo. Essa preocupação com a chuva ou o clima ficou evidente ao perguntarmos para as pessoas da comunidade, se elas se preocupavam, quando havia precipitações pluviométricas por dias consecutivos.

A grande maioria dos agricultores do Cerro do Canhadão mostram-se preocupados com esse fenômeno. Entretanto, quando questionados sobre a fonte de informação da previsão do tempo, notamos que somente 20% dos entrevistados assistem à TV todos os dias para saber a previsão do tempo.

Percebemos que o agricultor de mais idade, teve como opção na sua época apenas o saber do tipo venatório/divinatório, ou seja, teve de aprender com seus pais e com suas próprias experiências a

⁴ Cambau: dois pedaços de madeira unidas por corda de couro, usado para separar os grãos das espigas, geralmente arroz, feijão e trigo.

analisar o tempo. No entanto, o discurso e a previsão de chuva de forma televisiva se mostrou mais atraente ao jovem. Corre-se o risco do abandono do saber popular transmitido “informalmente” e a perda do fio condutor da tradição cultural transmitida através da memória. Com o conhecimento mecanicista, que obedece a um discurso científico, considerado competente, há uma influência para o saber popular e, conseqüentemente, para com os costumes e práticas culturais da comunidade.

Porém, não acreditamos que a falta de interesse, principalmente dos jovens, sobre os saberes populares, signifique que eles estejam recusando seu grupo e sua identidade. No Cerro do Canhadão, os jovens usam o jeito “novo”, o discurso televisivo para pensar e se orientar no espaço (estriado), mas continuam a preservar as relações que interessam para manter a expressão coletiva que eles participam (espaço liso).

As duas formas de analisar a chuva e a opção maior do jovem para o discurso da TV, ajudam-nos a perceber que o comportamento da comunidade não é uniforme e nem poderia ser. Concordamos com Thompson quando afirma ser a cultura uma “arena de elementos conflitivos”. (1998, p, 17)

Os vestígios ou sinais: vento, nuvens, canto de pássaros, presença de sapos na grama, calçada úmida, círculos na Lua e outros são essenciais para a observação, pelos agricultores, da possibilidade de chuva na comunidade do Cerro do Canhadão. Vejamos alguns outros vestígios e interpretação com relação à chuva, observados pelas pessoas da comunidade:

(...) quando o vento muda de posição, quando aparecem rabiscos de nuvens no céu, quando a saracura (ave silvestre) canta de manhã, quando o piso enche de água. (Rudolfo Dukeviski).

(...) quando as formigas criam asas e voam ou quando volta fumaça da chaminé, quando venta forte uns três dias sem parar, ou ainda quando o cachorro come capim. (Ildefonso Specht).

(...) cor de rosa no lado do sol, vento do norte”. (Ladislau Bonki).

(...) os “pedreiro” são pássaros que gritam então chove, quando as “aleluias” voam, quando os cachorros comem capim choverá dali três dias, quando os sapos pulam nas calçadas, quando há círculo em volta da lua, quando as saracuras gritam”. (Paulo César Specht).

(...) vento do norte, grito da saracura, orvalho pela manhã, redemoinho na estrada, grito do pedreiro (pássaro), chuva em dois ou três dias, vapor nas sangas (pequenos córregos), ar abafado, geada em cima da lama, rabo de galo vindo do norte, (...) (José Kanarski).

(...) a saracura canta, o nambu pia, o cachorro come capim, o passarinho pedreiro canta no clarear do dia, quando o céu fica vermelho ao anoitecer. (José Carlos Specht).

(...) antes do sol nascer ficou o céu cor de rosa (...). (José Tadeu Bonki)

(...) vento do norte, e quando o sol se poe escondido”. (Ezequiel Kanarski)⁵

Como fica evidente, estes saberes populares, presentes na comunidade do Cerro do Canhadão,

⁵ Entrevistas realizadas com os moradores da comunidade nos dias 12 a 21 de agosto de 2007.

são produzidos a partir de vestígios e sinais, a partir de um saber empírico e de uma relação “lisa” com o espaço. Para Ginzburg: Por milênios o homem foi caçador. Durante inúmeras perseguições, ele aprendeu a reconstruir as formas e movimentos das presas invisíveis pelas pegadas na lama, ramos quebrados, bolotas de esterco, tufo de plumas emaranhadas, odores estagnados. Aprendeu a farejar, registrar, interpretar e classificar pistas infinitesimais como fios de barba. Aprendeu a fazer operações mentais complexas com rapidez fulminante, no interior de um denso bosque ou numa clareira cheia de ciladas. (1989, p.151)

Seguindo esta linha de pensamento, podemos afirmar que a interpretação de vestígios ou sinais, feita pelo homem da comunidade, é resultado de experiências antigas, um conhecimento aprendido através da tradição desde quando o ser humano passou a interpretar o espaço tal como um nômade que não o vê como sua propriedade e que o mesmo tenha que se adaptar ao seu frequentador.

Considerações finais

Abordamos a comunidade do Cerro do Canhadão e a previsão de chuva, segundo dois conceitos, o primeiro é o conceito no qual a previsão é feita de forma não “científica”, através de vestígios, um conhecimento popular e, um segundo conceito, de forma “científica”, apoiado no discurso do meteorologista, resultado das inovações tecnológicas e do aparecimento da televisão na comunidade.

Ginzburg discute a oposição entre o “novo” e o “velho” paradigma, o novo centrado na física “galileana” e que segundo ele tem “natureza totalmente diversa” do pensamento venatório e divinatório. Vejamos o que escreve Ginzburg sobre o paradigma indiciário e o paradigma galileano:

Ora, é claro que o grupo de disciplinas que chamamos indiciárias (incluindo a medicina) não entra absolutamente nos critérios de cientificidade deduzíveis do paradigma galileano. Trata-se de fato de disciplinas eminentemente qualitativas que tem por objeto casos situações e documentos individuais, enquanto individuais, e justamente por isso alcançam resultados que tem uma margem ineliminável de casualidade: basta pensar no peso das conjeturas o próprio termo é de origem divinatória na medicina ou na filologia além da arte mântica. A ciência galileana tinha uma natureza totalmente diversa, que poderia adotar o lema escolástico *individuum est ineffabile*, do que é individual não se pode falar. (1989, p. 156)

É importante lembrar que a palavra “científico” deve ser empregada com cuidado, porque o paradigma galileano do texto de Ginzburg leva o significado de algo mais rigoroso, mas, no entanto, não pode ser caracterizado como a ideia de ciência pura. O termo ciência galileana é empregado simbolicamente para expressar a ideia “científica,” um conhecimento mais rigoroso, que não permite a experiência individual ou um conhecimento aprendido no cotidiano. Ginzburg se refere ao físico galileano da seguinte forma: “(...) profissionalmente surdo aos sons e insensível aos sabores e aos odores, e o médico contemporâneo seu que arriscava diagnósticos pondo o ouvido em peitos estertorantes, cheirando fezes e provando urinas, o contraste não poderia ser maior”. (1989, p 158)

Nessa ideia de conceito mais rigoroso, mais científico, “recusando” o individual não encontrou suporte para se sustentar pelo menos com o rigor pensado, justamente porque a ideia científica não consegue se libertar do sujeito e do que é individual. Sobre isto escreveu Ginzburg: “(...) o verdadeiro obstáculo à aplicação do paradigma galileano era a centralidade maior ou menor do elemento individual em cada disciplina. Quanto mais os traços individuais eram considerados pertinentes, tanto mais se esvaía a possibilidade de um conhecimento científico rigoroso”. (1989, p. 163)

No microcosmo que estudamos, percebemos também essa dinâmica entre os “paradigmas” em relação à previsão do tempo. Ao analisarmos a previsão de chuva pela TV, e ao embasarmos no conceito galileano, fica a impressão de que é possível um conhecimento da previsão de forma matemática ou conhecimento puro e não é o que queremos afirmar, estamos usando as ideias do conceito galileano justamente para percebermos a coexistência das duas formas de analisar a previsão de chuva que a comunidade tem como opção, ou seja, o conhecimento de forma indiciário, individual e popular, nada “científico”, voltado para o futuro, razão para aproximação com a defesa de Ginzburg, quando este fala do paradigma divinatório e o praticado pela televisão, que usa de artifícios como satélites, estudos formais, um maior rigor, por isso a aproximação com o método mais “matemático”, sem esquecer de que essa previsão mais rigorosa também corre o risco de não atingir total perfeição e aí, então, talvez a razão para muitas pessoas manterem vivo o saber popular, não considerar esse método puro, porém rigoroso e diferenciado.

É possível perceber que a comunidade do Cerro do Canhadão preserva características de um passado que se mostra no presente através dos saberes e experiências que as pessoas não deixaram morrer (espaço liso da cultura). Mas também é possível perceber a interferência de fatores externos como a TV e outros conhecimentos que ao longo destas décadas ajudaram a modificar e reinterpretar valores e costumes através de um estriamento do espaço.

Referências

BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão*. Tradução, Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: EDUSC, 1999.

GUARINELLO, Luiz Norberto. Memória coletiva e história científica. *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH/ Marco Zero, vol. 14, n° 28, 1994.

GINZBURG, Carlo. *Mitos Emblemas Sinais*. São Paulo: Companhia das Letras 1989.

KANARSKI, Mário. *Cerro do Canhadão - O Antes e o Depois da TV*, (monografia). Universidade Estadual do Centro Oeste – UNICENTRO, Campus de Irati, Departamento de História. Irati, 2005.

NOVAIS, Fernando A. (Coord). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das letras,

1997. 4v.

THOMPSON, E.P. *Costumes em Comum Estudos Sobre a Cultura Popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Recebido em 07/11/2013

Aprovado em 19/01/2014
